

Incrível! Fantástico! Extraordinário! do rádio à internet: observações sobre um fenômeno intermediático do horror audiovisual brasileiro

Amazing! Fantastic! Extraordinary! from radio to internet: observations on an intermediatic phenomenon of Brazilian audiovisual horror

Genio Nascimento¹, Laura Loguercio Cánepa²

1 Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), e mestre e doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Trabalha na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) desde 2004. E-mail: genionascimento@gmail.com.

2 Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado realizado na ECA-USP. É docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: laura_canepa@yahoo.com.br.

Resumo Este artigo descreve e discute algumas conexões intermidiáticas estabelecidas ao longo de sete décadas pelo programa de rádio brasileiro *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Criado em 1947 por Henrique Foréis Domingues (o “Almirante”) para a Rádio Tupi no Rio de Janeiro, o programa expandiu-se e foi reinventado em mais de uma dezena de produtos de mídia impressa e audiovisual, tornando-se referência frequente para obras de horror na mídia brasileira.

Palavras-chave Intermedialidade, ficção radiofônica, ficção fantástica, horror, Almirante.

Abstract This study explores the intermedial connections established by the popular Brazilian radio program, “Incrível! Fantástico! Extraordinário!” [Incredible! Fantastic! Extraordinary!]. Originally produced in 1947 for Radio Tupi in Rio de Janeiro, the show later grew into more than a dozen of printed and audiovisual media products, becoming a pervasive influence on the horror genre in Brazilian mass media, as this study seeks to illustrate.

Keywords Intermediality, radio fiction, fantastic fiction, horror, Almirante.

Entre as consequências do adensamento da discussão sobre a intermedialidade na era digital – quando esse fenômeno se tornou incontornável para a crítica da mídia em função de processos, como a convergência dos meios (JENKINS, 2009) e o desenvolvimento das narrativas transmidiáticas (GOSCIOLA, 2012) – está o aguçamento do olhar intermidiático lançado a fenômenos muito mais antigos. Isso se verifica, por exemplo, em trabalhos recentes sobre o tema, como *Towards an intermedial history of Brazilian cinema* (2022), editado por Lúcia Nagib, Luciana Corrêa de Araújo e Tiago de Luca, e *Intermediality in European avant-garde cinema* (2023), de Loukia Kostopoulou. Assim também ocorre com o produto midiático sobre o qual se debruça este trabalho: a série de ficção radiofônica brasileira *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, que estreou em 1947 e, desde então, encontrou numerosos desdobramentos na mídia impressa (em livros, revistas e histórias em quadrinhos) e no audiovisual (cinema, televisão e mídia

sonora³), num percurso que definimos como intermediário. Tal percurso, como veremos, parece ter contribuído para amalgamar algumas das características da ficção de horror no Brasil transmitida em meios de comunicação massivos como o rádio, a televisão, o cinema (ficcional e documental), as histórias em quadrinhos e produtos para a Internet como *podcasts* e vídeos divulgados em redes sociais e plataformas de compartilhamento.

O conceito de *intermedialidade* pode ser definido, de forma um tanto abrangente, como o atravessamento de fronteiras entre mídias. Irina Rajewsky (2012, p. 52) afirma que a ideia de intermedialidade se refere às relações entre mídias, às interações e interferências de cunho midiático. Como apontado por Claus Clüver (2006, p. 14), o termo traz uma definição relativamente recente para um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana quanto em atividades artísticas. Thaís Flores Diniz (2018, p. 43) também ressalta que o fenômeno recebeu variadas denominações em épocas diferentes, como “estudos interartes” e “artes comparadas”. Outros pesquisadores que tratam da intermedialidade, como Ágnes Pethö (2011, p. 1), entendem o conceito como as interconexões e interferências que acontecem entre as diferentes mídias, focando em suas relações e não em suas estruturas, enquanto Lars Elleström (2017, p. 201) alega que a intermedialidade deve ser compreendida como uma ponte que conecta as diferenças entre as mídias, cujo alicerce são suas semelhanças. Lúcia Nagib e Anne Jerslev (2014, p. 37), por sua vez, apontam a intermedialidade como um meio novo, mais abrangente e não hierárquico, de recontar a história de uma mídia (como, por exemplo, o cinema).

Uma das dificuldades para uma definição mais específica de intermedialidade reside na necessidade de uma definição clara do que seja *mídia*. Segundo Rajewsky (2012, p. 53-54), a indefinição desse termo pode fazer com que abordagens da intermedialidade

3 Sobre a questão da mídia sonora como audiovisual, concordamos com Gambaro (2022, p. 5): “O rádio, desde o princípio (...) articula os elementos sonoros em uma linguagem própria, tão poderosa como cada som em particular. Mais do que a transmissão das palavras, é o arranjo delas em consonância com efeitos e ruídos, com música e pausas (...) que produz sentidos e sentimentos, suprimindo aquilo que pareceria faltar ao rádio: a imagem. Mas será mesmo que tal carência é verdadeira? O teórico Rudolf Arnheim, nos idos dos anos 1930, já nos dizia que à peça sonora nada falta, pois somente um tolo sentiria necessidade de imaginar absolutamente tudo que seus tímpanos captam. Isso não quer dizer, entretanto, que as peças sonoras sejam incapazes de possibilitar aos ouvintes criar imagens mentais a partir do que ouvem – imagens particulares a cada sujeito, a cada repertório, a cada conjunto de sensações e emoções agitadas pelas ondas sonoras. Daí podermos chamar o rádio, os podcasts e seus semelhantes de meios audiovisuais. Armand Balsebre (2007), a quem frequentemente se recorre para uma definição sucinta do que é a linguagem radiofônica, nos lembra de que a significação produzida pelos elementos sonoros combinados é determinada pelo conjunto de recursos da reprodução sonora – algo técnico – somado ao processo de percepção e imaginativo-visual dos ouvintes – algo subjetivo”.

por vezes ignorem o caráter de *construto* de qualquer concepção de uma mídia específica, correndo-se o risco de assumir visões essencialistas. Por isso, ela alerta para o fato de que, ao lidarmos com configurações midiáticas, nunca encontraremos “a mídia” enquanto tal, mas apenas produtos específicos de cunho individual, como filmes, textos impressos, entre outros (RAJEWSKY, 2012, p. 56).

O produto midiático que dá origem a este estudo – o programa radiofônico brasileiro *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* – foi criado há setenta e seis anos por Henrique Foréis Domingues (1908-1980), radialista e produtor carioca mais conhecido como Almirante⁴, cuja história se confunde com a do próprio rádio brasileiro (AZEVEDO, 2002; CABRAL, 1990; LIMA, 2013). O programa estreou na Rádio Tupi do Rio de Janeiro em 21 de outubro de 1947, e continuou no ar durante quase 12 anos, período em que Almirante e sua equipe dramatizaram mais de dois mil relatos alegadamente sobrenaturais ou inexplicáveis, enviados por ouvintes do Brasil. O programa, transmitido ao vivo nas noites de terças-feiras, apresentava, a cada edição, de três a cinco contos em forma de causos, isto é, narrativas curtas baseadas na forma oral, supostamente inspiradas em acontecimentos reais, cuja forma discursiva pode ser assim descrita, segundo Sergio Oliveira:

[No caso] o contador participa efetivamente da narrativa como personagem ou testemunha, detalhando os nomes, das características das pessoas e locais onde a situação se desenrola, preocupando-se em dar-lhes cunho de verdade. As histórias são contadas, pois, em primeira pessoa, em linguagem caipira, coloquial, metafórica e expressiva, com temática marcada por acontecimentos, aspirações e costumes próprios das cidades interioranas e do universo dos contadores, remetendo sempre para um passado presentificado. (OLIVEIRA, 2006, p. 119)

Os causos apresentados no *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, em geral, apresentavam características que podem ser relacionadas ao gênero literário *fantástico* (TODOROV, 1992), tanto por tratarem de acontecimentos misteriosos que não contemplam uma explicação racional ou científica quanto pela recorrência dos relatos em primeira pessoa, que reforçam uma crença hesitante das personagens diante dos fenômenos narrados – elemento que Todorov aponta como constitutivo para a experiência do fantástico. Mais especificamente,

4 Nome artístico utilizado durante toda a sua trajetória como radialista.

os casos narrados no programa de Almirante tinham um apelo particular ao *horror*, que pode ser definido como um tipo de narrativa fantástica marcada pelo aspecto violento e assustador (CHERRY, 2009), com histórias repletas de figuras como mortos que voltam para cumprir promessas, aparições monstruosas, lugares amaldiçoados e casos extremos de perturbação psicológica.

O sucesso do programa foi imenso em todo o Brasil, num período em que a maior parte da população vivia em cidades do interior, e o rádio era o principal meio de comunicação a unir o país de ponta a ponta (AZEVEDO, 2002)⁵. Com a repercussão em todo o território nacional, Almirante iniciou um processo de expansão da “marca” nos anos 1950, reproduzindo dezenas dos casos em livro. Posteriormente, o programa foi adaptado de forma mais complexa para outras mídias, como a televisão, o cinema e as histórias em quadrinhos. Além disso, pelo fato de se tratar de uma obra de grande sucesso e longevidade, o alcance do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* extrapolou o controle de Almirante, chegando a se tornar referência difusa para outros produtos midiáticos, como veremos. Registram-se ainda, como referências mais distantes, enredo de escola de samba, chamadas publicitárias e coleções de histórias fantásticas baseadas indiretamente no repertório irradiado por Almirante e sua equipe.

Para tentarmos reconstituir o percurso intermediário de *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, e também dos milhares de casos narrados no programa, consultamos acervos digitais da Biblioteca Nacional e da Cinemateca Brasileira. Também fizemos um amplo levantamento na internet para identificar produtos midiáticos contemporâneos em que pudessem ser reconhecidas vinculações com o programa. Então, estabelecemos uma classificação dos produtos mais relevantes (conforme a proposta de RAJEWSKY, 2005; 2012) e fizemos análises breves desses produtos. Esta é apenas a primeira parte de uma investigação mais ampla que possa revelar outras informações sobre o alcance e

5 Segundo Lia Calabre Azevedo (2002), em 1951, com base em levantamentos do IBOPE, o Anuário Brasileiro de Rádio publicou uma pesquisa sobre o número de radioreceptores existentes no país: o Brasil tinha 3.500.000 aparelhos receptores para uma população estimada em 52.632.577 de habitantes. Apenas 1.300.000 se encontrava nas capitais. Ainda segundo a autora, “não possuir um aparelho de rádio em casa não significava necessariamente não ter nenhum acesso ou conhecimento das programações das emissoras de rádio. Uma boa parcela da população (...) utilizava-se do recurso de ouvir o rádio do vizinho ou do estabelecimento comercial mais próximo” (AZEVEDO, 2002, p. 65). Segundo o *Atlas Histórico do Brasil*, da Fundação Getúlio Vargas, a população rural entre os anos 1940 e 1950 era mais que o dobro da urbana.

influência desse programa na produção de narrativas de horror em diferentes produtos da cultura midiática brasileira.

***Incrível! Fantástico! Extraordinário!* e seus desdobramentos em outras mídias**

Na abertura da primeira transmissão do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* ouvimos a apresentação do Almirante que já aponta para algumas características essenciais do programa: o interesse pelas narrativas “reais” enviadas pelos ouvintes; a intenção de fidelidade aos relatos; e o desejo de alcançar o grande público em várias partes do Brasil por meio de um tipo de sociabilidade calcada no hábito de narrar casos:

Boa noite, ouvintes de todo o Brasil. Iniciamos hoje uma nova série de programas de assunto até então não explorado de maneira sistemática no rádio – o sobrenatural. De início, queremos esclarecer que não cuidaremos de aqui fazer sensacionalismo. Iremos somente contar, tim-tim por tim-tim, os casos espantosos, extraordinários que vocês ouvintes nos queiram enviar. Não há aquele que não tenha uma história dessas no seu repertório. Você que está aí atento ao rádio, já terá decerto observado que numa roda, quando alguém começa a contar um caso qualquer extraordinário, todos os demais também têm um caso, ou mais, e cada qual mais espantoso. Algumas dessas histórias têm explicação racional, outras ficam envoltas de mistério. Nós vamos irradiar umas e outras; não vamos defender nenhuma tese, não pretendemos convencer ninguém da existência ou não de poderes sobrenaturais, não vamos explorar fé religiosa ou credences. Vamos simplesmente contar histórias. (Incrível..., 2017)⁶

Almirante foi pioneiro no uso do rádio brasileiro para a divulgação de histórias fantásticas baseadas em relatos do público, mas, nos anos seguintes, surgiram outras iniciativas similares, como o programa *Acredite se quiser* da Rádio Nacional/RJ (REVISTA DO RÁDIO, 1950), em 1950; *A um passo além da vida* da Rádio Guarujá/SC (REVISTA DO RÁDIO, 1958), em 1958; e, bem mais recentemente, o quadro “Caixão de notícias”, presente no programa *Visagem*, da Cultura FM do Pará (cf. SOUZA, 2010), que iniciou suas transmissões em 2003 (encerrando-as em 2015), entre muitos outros. Porém, a “tradição” criada pelo Almirante de levar histórias de assombrações para o rádio teve muitos outros desdobramentos que podem ser percebidos em outros meios sete décadas depois.

⁶ O programa de rádio de 21 de outubro de 1947 foi reproduzido em vídeo de 2017 e publicado no YouTube. Nossa transcrição foi feita com base nesse vídeo.

Em programas televisivos recentes, tiveram destaque alguns quadros criados dentro de atrações populares de canais abertos, como o quadro “Lendas urbanas”, que fazia parte do programa *Domingo Legal*, do SBT, apresentado por Gugu Liberato entre 1993 e 2009; e o “Assombração”, no programa *Balanço Geral*, na TV Record, apresentado por Geraldo Luís de 2013 a 2023. No caso desses dois quadros, vale notar que, mesmo anos depois de exibidos, ainda é possível encontrar muitos de seus episódios nas plataformas de compartilhamento como o YouTube, com centenas de milhares de visualizações.

Na programação da Rede Globo, a maior emissora do país, também podemos encontrar um nicho parecido dentro de um dos mais populares programas de investigação policial já feitos no Brasil: o *Linha Direta*, exibido entre 1997 e 2009 (e retomado em 2023). Em duas séries de episódios especiais chamadas de *Linha Direta – Mistérios* e *Linha Direta – Justiça*, o programa reconstituiu alguns casos sem solução que ainda circulam pelo país como mistos de crimes insolúveis e lenda urbanas. O episódio mais famoso (exibido originalmente em 30 de junho de 2005) tratou de supostas maldições espirituais como causas da tragédia do incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo, em 1974, trazendo depoimentos de sobreviventes, de pessoas ligadas à fé espírita, de jornalistas e de cientistas. Outro caso tratado pelo *Linha Direta – Mistérios* foi a Operação Prato, que tratava de supostos ataques alienígenas no litoral do Pará, em 1977. A popularidade de tais episódios foi tão significativa que alguns deles acabaram sendo lançados em DVD em um box especial do programa, em 2007.

No entanto, ao fazermos essas comparações, devemos destacar que *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* não se utilizava de recursos jornalísticos (como entradas externas, entrevistas, opiniões de especialistas etc.) em suas transmissões. O programa calcava sua veracidade apenas na menção dos nomes e endereços dos remetentes das cartas reconstituídas. Com essa espécie de pacto que permitia que os ouvintes pudessem tomar os relatos como reais ao conhecer os nomes e os endereços dos envolvidos, o programa se permitia usar uma linguagem mais próxima daquela aplicada à adaptação de contos de horror ficcionais, produzindo um resultado diferente dos programas jornalísticos ou de propostas do tipo “caça-fantasmas”, que são hoje muito populares na internet⁷. Esse teor

⁷ Como o *Caça-Fantasmas Brasil*, transmitido no YouTube por Rosa Maria Jaques e João Tocchetto de Oliveira, com mais de 390 mil inscritos na data de elaboração deste texto.

próximo do ficcional permitiu que, no auge do sucesso da série, o próprio Almirante reunisse setenta casos no livro *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, que foi publicado pelas Edições O Cruzeiro, em 1951 (Figura 1). Conforme descrito no texto de divulgação publicado na época, o livro se equilibrava na mesma posição de tratar as histórias como verídicas apenas por terem sido apresentadas por testemunhas:

Trata-se de uma coletânea dos mais sensacionais casos verídicos de terror e assombração irradiados no programa intitulado *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, que Almirante, seu idealizador e produtor, tornou conhecido em todo o Brasil através da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Os simples títulos dão muito bem uma ideia do conteúdo desses arrepiantes casos terríficos, nos quais o elemento fantástico ou sobrenatural se apoia na realidade dos fatos testemunhados por pessoas que os contaram a Almirante, autenticando-o sob a forma expressa de depoimento. Os casos chegaram ao programa em cartas enviadas dos mais diversos pontos do país e acompanhadas de todos os detalhes indispensáveis à fundamentação da veracidade desses mesmos casos, como sejam nomes de pessoas, datas, endereços etc. É interessante frisar, como bem observa o próprio Almirante, que esses casos, a despeito da enorme publicidade de que se viram cercados, jamais sofreram a menor contestação. A iniciativa de Almirante, porém, em transmiti-los através do rádio e, agora, reuni-los em livro, nunca esteve sob a influência de qualquer crença ou religião. O livro, portanto, em que pese o seu caráter verídico, não tem o intuito de provar coisa nenhuma. O essencial é que, tanto para os crentes como para os descrentes, esses casos incríveis, fantásticos e extraordinários constituem matéria de impressionante leitura. (REVISTA A CIGARRA, 1951, n.p.)

Em 1960, o *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* também virou programa televisivo na TV Tupi. Com texto de Almirante (Figura 2), direção de Alcino Diniz e produção de Alberto Perez, ficou no ar até 1964 (REVISTA INTERVALO, 1964, p. 36A). Na programação da Tupi, publicada na *Revista Intervalo*, o evento era chamado de “Teatro de terror, focalizando o sobrenatural” (REVISTA INTERVALO, p. 36A). Segundo matéria divulgada em jornal da época do seu lançamento:

No Canal 6 [Tupi], a produção do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* foi confiada à Alcino Diniz, o eficiente e dinâmico homem de TV que tem oferecido aos telespectadores da TV Tupi programas que dizem bem da sua capacidade e da sua experiência no campo do maravilhoso engenho. Através do excelente programa de Almirante, o público trará conhecimento com arrepiantes histórias do sobrenatural, assim se transportando para um mundo estranho e diferente, com a narrativa de episódios que deixaram suas testemunhas ou personagens espantadas e perplexas. (TV Tupi..., 1960, n.p.)



Figura 1: Página interna do livro lançado em 1951.

Fonte: Harpia Colecionáveis & Antiguidades (23 dez. 2014).

Disponível em: <https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=536159>. Acesso em 17 Jun 2023.

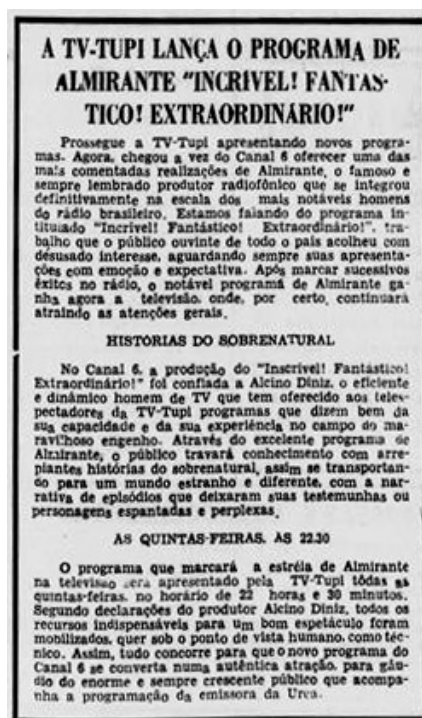


Figura 2: matéria de jornal sobre o programa de TV.

Fonte: TV Tupi..., 1960.

Possivelmente inspirado na experiência da Tupi, em setembro de 1967, o cineasta José Mojica Marins (que então se encontrava no auge da popularidade após a estreia de *Esta noite encarnarei no teu cadáver*) e o roteirista e escritor Rubens Francisco Lucchetti estrearam, na então recém-inaugurada TV Bandeirantes, de São Paulo, a série televisiva transmitida semanalmente às sextas-feiras, *Além, muito além do além*. O programa apresentava reconstituições de histórias de assombração supostamente relatadas por telespectadores (mas que, na verdade, eram criadas por Lucchetti). O argumento “realista” do programa seguia os passos do programa de Almirante e daria origem ao filme em episódios *Trilogia de terror* (Ozualdo Candeias, Luis Sergio Person e José Mojica Marins, 1968) (UCHÔA; CÂNEPA, 2023) e a um programa televisivo na TV Tupi intitulado *O estranho mundo de Zé do Caixão*, que foi ao ar em 1968.

No ano seguinte, o próprio programa do Almirante chegaria finalmente à tela grande, em um projeto realizado pelo diretor Adolpho Chadler⁸. Chadler saíra do Brasil no começo dos anos 1960 e vivera em Los Angeles entre 1961 e 1964, tendo alegadamente feito pontas em filmes e pequenos papéis em seriados televisivos americanos. Usando o nome artístico de C. Adolpho Chadler ou apenas Adolpho Chadler (que também aparece grafado como “Adolfo”), ele produziu doze filmes no Brasil entre 1967 e 1973; desses, dirigiu sete: *O grande assalto* (1967); *Os carrascos estão entre nós* (1968); *O tesouro de Zapata* (1968); *Incrível, Fantástico, Extraordinário...* (1969); *Vinte passos para a morte* (1970); *Jerônimo, o herói do sertão* (1971); *Êxtase dos sádicos* (1973). Seus filmes eram voltados para o mercado do cinema popular e recorriam a fórmulas do cinema de gênero consagradas como o *western*, o policial, o filme de espionagem e o horror. Em entrevista concedida a Equipe Jovem, na coluna Contraste d’O JORNAL (RJ), Chadler afirmava fazer filmes comerciais ou, em suas palavras, industriais, para atingir o grande público:

Eu faço cinema indústria: acho que todo cinema tem seu valor e sou amigo de todo o pessoal do cinema de arte. Acontece que esse tipo de cinema atinge apenas a um grupo pequeno e não penetra na grande massa. Sinceramente, este cinema não existe como indústria. E, apesar das reações, acho-o válido como mensagem... Alguns deles são excelentes para maior divulgação de nosso cinema no exterior e nos aumenta o

8 Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1940, e faleceu na mesma cidade, em 2000.

crédito no panorama internacional. Mas... a verdade é que eles não chegam a atingir realmente esse público internacional. O que existe é muita lenda em torno desse sucesso provocado pelo “cinemaarte” brasileiro lá fora. (O JORNAL, 1968, n.p.)

Embora tivesse uma produção regular de filmes produzidos anualmente, orçamentos significativos para padrões brasileiros e participação de atores famosos da televisão e do cinema, seus filmes não tiveram o sucesso almejado. A crítica da época era implacável a cada lançamento de Chadler, e suas posições claramente à direita do espectro político garantiam justificada antipatia no contexto do cinema brasileiro. Além de importar modelos comerciais, seus filmes contavam com até 50% de trechos em outras línguas (possivelmente com intenções de exportação), dificultando sua permanência no mercado do cinema brasileiro da época. Um exemplo é o filme *O grande assalto*, inspirado no assalto a um trem postal ocorrido em 1963, na Inglaterra, e que tinha aproximadamente 60% dos diálogos em inglês, com legendas em português, o que levou alguns críticos a questionarem se aquela poderia ser considerada uma produção brasileira. Segundo o pesquisador Rodrigo Pereira:

O questionamento se devia ao fato de o filme poder usufruir da cota de tela para títulos nacionais – à altura, as salas tinham de reservar 56 dias por ano para a exibição de filmes feitos aqui. Na prática, a metade do filme passada no exterior foi construída a partir de uma Figura do Big em, de um letreiro de “Inglaterra” e de uma Londres recriada entre Madureira e Cascadura, bairros suburbanos na Zona Norte do Rio de Janeiro. A recriação incluía *fog* e guardas da Rainha uniformizados. Na segunda metade da trama, o Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro mesmo. (PEREIRA, 2021, p. 204)

Após 1973, Chadler abandonou o cinema e se dedicou a outros trabalhos, como empreendedor imobiliário e empresário. Em 1997, mudou-se para Miami com a família e retornou ao Brasil em 2000 para tratar um câncer. Chadler faleceu no dia 5 de dezembro do mesmo ano, aos 59 anos (PEREIRA, 2021, p. 218). O pesquisador João Velho, diretor do documentário *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, revelou, em entrevista concedida para esta pesquisa⁹, que Chadler teria dado sua casa no Rio de Janeiro para pagar uma dívida com um advogado, e que este teria se desfeito de todo material encontrado no imóvel,

9 Entrevista semiestruturada realizada em 22 de maio de 2022.

acabando, assim, com boa parte da memória do filme, hoje considerado indisponível¹⁰. Restam, para o público, apenas alguns frames publicados em jornais (Figuras 5 e 6), além do cartaz ilustrado por Benício¹¹ (Figura 3).

Em *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, Chadler, junto com o roteirista René Martin (autor de dezenas de livros de ficção, sendo o mais conhecido *O tesouro de Zapata*, adaptado para o cinema pelo próprio Chadler, em 1968)¹², adaptou quatro histórias escolhidas pelo Almirante (REVISTA INTERVALO, 1969): “A ajuda”, sobre um homem que atende ao apelo de uma mulher na estrada para salvar seu filho acidentado; “O sonho”, sobre uma moça que vive num internato e tem sonhos em que prevê a morte de suas colegas; “A volta”, sobre uma mulher aterrorizada pela figura do marido morto; e “O coveiro”, sobre um homem que deseja roubar o anel de um rico milionário a quem acabara de enterrar. O filme contou com narração de Mario Lago e participação de atores famosos, como Cyll Farney, Glauce Rocha, Sônia Clara, Fábio Sabag e o próprio Almirante. Há ainda uma suspeita, levantada pelo crítico Ely Azeredo¹³ de que um dos curtas do filme *O impossível acontece*, também de 1969, dirigido por Anselmo Duarte, Adolpho Chadler e Daniel Filho, seria um quinto episódio que ficou de fora do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* O episódio em questão é “O acidente”, que conta a história de dois tripulantes de um avião que estão hospitalizados após um acidente e falam sobre um terceiro. Após dormir, um dos tripulantes, que é o próprio Chadler, acorda e descobre que a cama ao lado esteve sempre vazia.

10 Conforme divulgado em junho de 2023 (CORRÊA, 2023), um rolo do filme *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* consta da lista de 144 filmes repatriados pelo Brasil (para a Cinemateca Brasileira) a partir do acervo de um escritório da Embrafilme fechado em Roma, na Itália, que estava sob custódia da Embaixada Brasileira no país. Assim, dentro de algum tempo, é possível que se tenha acesso a pelo menos parte do filme de Chadler.

11 José Luiz Benício da Fonseca (1936-2021), desenhista e ilustrador, foi o mais prolífico e famoso criador de cartazes do cinema brasileiro, com mais de 300 produções desse tipo, mais de 3.000 capas de livros, entre muitos outros trabalhos.

12 Informações sobre o autor podem ser obtidas em: <http://renemartin.net/bio.html>

13 O crítico Ely Azeredo, em *Jornal do Brasil* (8 mar. 1970), levanta essa hipótese em matéria sobre o filme.



Figura 3: cartaz do filme.

Fonte: GONÇALO JR, 2012, p. 328.

“Incrível, Fantástico, Extraordinário”

O grande público tem lembrança das incríveis histórias do “outro mundo” contadas com muito talento e muita inteligência e realismo por Almirante, durante muitos anos no rádio e em jornais. Sobre essa realmente fantástica coleção de coisas acontecidas, mesclada com folclore e lenda, é que o famoso diretor Adolpho Chadler dirigiu o filme que agora vamos assistir, “Incrível, Fantástico, Extraordinário”, em belíssimas cores e grande messe de “suspense”. É um espetáculo para os estudiosos de parapsicologia segundo diz o “press-book” do produtor. Nós entretanto pensamos que o filme se destina ao grande público, porque é um espetáculo muito bonito e de muita emoção, principalmente porque o elenco é dos melhores empregados em um filme nacional: Cyll Farney, Glauce Rocha, Fábio Sabag, Sônia Clara e outros. Luiz Severiano Ribeiro apresentará o filme já amanhã nos cinemas São Luís, Art-Palácio Copacabana, América, Santa Alice, Art-Palácio Madureira,, Odeon de Niterói e cine Palácio na quinta-feira. É um filme da Uranio.



Figura 4: matéria jornalística sobre o filme *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*.

Fonte: Diário de Notícias (21 set. 1969)



Figura 5: still de cena do filme.

Fonte: FUNARTE. *Fábio Sabag*. 1969. 1 fotografia em p&b; 17,5 x 24cm.

Disponível em: <https://atom.funarte.gov.br/index.php/fotografia-do-espetaculo-incrivele-fantastico-extraordinario>. Acesso em: 12 jun. 2023



Figura 6: still de cena do filme.

Fonte: FUNARTE. *Fábio Sabag e Ator Não Identificado*. 1969. 1 fotografia em p&b; 17,5 x 24cm.

Disponível em: <https://atom.funarte.gov.br/index.php/fotografia-do-espetaculo-incrivele-fantastico-extraordinario-2>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Também em 1969, algumas histórias do livro foram publicadas em versão de quadrinhos (Figuras 7 e 8). Foram duas únicas edições, que saíram pela Editora Fase, do Rio de Janeiro, com arte do Studio Vital Produções. Em “formatinho”¹⁴, como era chamado esse formato de quadrinhos na época, havia uma parte em histórias em quadrinhos e outra apenas com uma ilustração e o texto da história. Na primeira edição, além de casos como “Noite de baile”, “O defunto acorda com sede” e “A cilada ao sacerdote”, havia também uma apresentação do próprio Almirante, na qual ele reforçava o argumento de que as histórias seriam baseadas em casos reais ocorridos em diferentes partes do Brasil, e devidamente verificados pela equipe da Rádio Tupi do Rio de Janeiro:

Incrível! Fantástico! Extraordinário! não é uma revista de terror e mistério a mais que se lança à disputa das preferências do público leitor, amante do gênero. Não, *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* é uma coletânea de “casos” que nos foram relatados, e depois por nós contados ao microfone e mais tarde na imprensa, com o mesmo título que damos a esta revista. Não é, assim, produto de imaginação e cremos poder afirmar não ser tampouco mero trabalho de ficção, a acreditar-se na idoneidade das pessoas que “viveram” tais momentos. Não discutiremos até onde irá a verdade dessas manifestações que bem podem ser consequência de súbitas alucinações ou de estados de inconsciência mental e visual. Não nos cabe a indagação de tais fenômenos, até porque nos falta a necessária autoridade científica ou filosófica para fazê-lo. O que pretendemos é apenas contar o que nos foi contado, sem acréscimo e sem literatura (Almirante, 1969, p. 3).

Mais de uma década depois, o programa ainda seria lembrado. Em 1981, foi ao ar um quadro dentro do programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, com o mesmo nome do programa do Almirante, que trazia a teledramatização de episódios antes narrados no rádio, como “O morto que riu”, sobre um fotógrafo que registrou o sorriso de um cadáver; “O parto”, onde um médico já falecido ajuda uma grávida a dar à luz; e “A estrada”, em que uma mulher ferida em um acidente pede ajuda a um casal durante uma viagem à noite. Os episódios foram dirigidos por Maurício Sherman e apresentados pelo ator Mário Lago (Figura 9), que já estivera presente no filme de Chadler, em 1969.

14 O “formatinho” é baseado no formato *digest* americano, que varia entre 13,65 × 21,27 cm, 13 × 19 cm ou 14 × 21 cm (o mais comum).



Figura 7: capa da revista em quadrinhos *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*

Fonte: Almirante, 1969.



Figura 8: página interna da revista em quadrinhos *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*

Fonte: Almirante, 1969.



Figuras 9 e 10: frames do quadro no programa *Fantástico*.

Fonte: Incrível..., 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nlb6YgC3elo>.

Acesso em 8 mar. 2023.

Quase dez anos após a morte de Almirante, a Editora Francisco Alves, em 1989, publicou ainda uma segunda coletânea com mais setenta casos apresentados no programa de rádio. Chamado de *Incrível! Fantástico! Extraordinário! Outros casos verídicos de terror e assombração*, o livro contou com um prefácio do biógrafo do Almirante, Sérgio Cabral, que em determinado trecho cita o próprio radialista explicando o programa:

(...) quero oferecer a vocês, meus amigos, as audições de um programa imaginado há mais de seis anos e que só agora poderá ser realizado. Trata-se de um programa que conta os episódios de aspecto sobrenatural que vão ocorrendo com frequência na vida de toda gente. Não há aquele que não tenha como contar um fato estranho, se explicação ou com explicação, sucedido com ele mesmo ou com pessoa de sua família. São aparições, mensagens, coincidências, fenômenos auditivos, avisos, enfim, todas essas manifestações que provam a existência de forças que a nossa inteligência não soube ainda compreender. (...) Será um programa de cunho profundamente verdadeiro. Não cuidaremos de defender nenhuma tese, nem tentar convencer ninguém da existência ou não de poderes sobrenaturais. Vamos, simplesmente, expor os casos, sem propósitos sensacionalistas, procurando somente reconstituí-los com a mais absoluta exatidão. (ALMIRANTE *apud* CABRAL, 1989, p. 7-8)

Finalmente, em 30 de novembro de 1994, com direção de Marcos Schechtman e apresentação de Rubens Correa, a extinta Rede Manchete estreou mais um programa homônimo com a mesma intenção de apresentar, a cada episódio, uma história de suspense e mistério. Diferentemente das adaptações anteriores, que buscavam casos tidos como verídicos, porém, os episódios da Rede Manchete apresentavam versões de contos literários

ou histórias produzidas especialmente para o programa. Dentre eles, estão: “A casa da clareira”, “A fada dos meninos chorões”, “A garra do macaco”, “As gêmeas”, “A possessão”, “O baile” e “O fantasma da prostituta”. As gravações tinham um mesmo núcleo de atores e o cenário era, quase sempre, a mesma casa de uma fazenda. O programa durou apenas treze episódios e foi encerrado no início de 1995.

Em razão da longevidade da ideia do Almirante, a expressão “Incrível! Fantástico! Extraordinário!” passou também a fazer parte do imaginário brasileiro, sendo utilizada com frequência em anúncios publicitários, em notícias do cotidiano e até em tema de samba-enredo, como foi o caso da Escola de Samba Portela, do Rio de Janeiro, em 1979.



Figura 11: livro lançado em 1989.

Fonte: Almirante, 1989, fotocópia do original.



Figura 12: Vinheta de abertura do programa da Manchete.

Fonte: Incrível..., 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IdS64pR6ZSA>.

Acesso em 17 jun. 2023.

SE VOCÊ TEM CORAGEM, NERVOS E SANGUE FRIO, CUIDADO: ISSO PODE MUDAR HOJE À NOITE.

Se você não acredita, não se impressiona e não teme o desconhecido, assista hoje, às 9:30 da noite, o episódio de estreia da série **INCRIVEL, FANTÁSTICO, EXTRAORDINÁRIO: A Garra do Macaco**. Uma história de ambição, suspense e terror que vai mexer com você. Mas quando seu medo começar a passar, cuidado: a outra quarta já vai estar chegando com uma nova história aterrorizante.

INCRIVEL, FANTÁSTICO, EXTRAORDINÁRIO. Todas as quartas, uma história incrivelmente, fantásticamente, extraordinariamente feita para surpreender você.

bloch
REDE MANCHETE
Junto com você.

Figura 13: Anúncio em *O Estado de São Paulo*.

Fonte: *O Estado de São Paulo*, de 23 nov. 1994.



Figura 14: Conjunto de recortes de anúncios publicados em jornais

Fontes: *Jornal do Brasil*, 13 dez. 1956; *Última Hora*, 08 out. 1957;

Jornal do Comércio, 15 maio 1978; *O Liberal*, 11 set. 1985.



Figura 15: manchete sobre o samba-enredo da Portela e imagem do desfile de 1979.

Fonte: *Última Hora*, 24 e 25 fev. 1979.

Algumas décadas depois, em 2018, na era da Internet, a Plural Filmes lançou um *teaser* do documentário *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, ainda sem lançamento oficial. Contando a história do programa, com direção de João Velho e Rico Cavalcanti, o filme traz entrevistas com Jorge Mautner (cantor, compositor e escritor), Lira Neto (escritor e jornalista), Muniz Sodré (jornalista, sociólogo e tradutor), Rose Esquenazi (professora de rádio e televisão), Alice Foreis (filha de Almirante) e Rubens Francisco Lucchetti (roteirista, escritor e colaborador de muitas obras de José Mojica Marins). Segundo um dos diretores, João Velho, em entrevista concedida para esta pesquisa, a expectativa de que Lucchetti poderia ter se inspirado no programa, que é anterior à produção dele de roteiros para o programa televisivo *Além, muito além do além*, não foi confirmada pelo autor. Lucchetti apenas afirmou que conhecia o programa, mas que não era um ouvinte frequente.



Figuras 16 e 17: frames do *teaser* do documentário *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*.

Fonte: TEASER..., 2018. Disponível em <https://joaovelho.com/project/incrivel-fantastico-extraordinario/>. Acesso em 18 jun. 2023.

Já em janeiro de 2021, a Rádio Mundi, de Ponta Grossa, Paraná, lançou um *podcast* que traz um nome parecido com o do programa da Rádio Tupi, *O Incrível, Fantástico, Extraordinário* (sem os pontos de exclamação), contando histórias do folclore e do imaginário horrífico nacional, como “A loira do banheiro”, “A missa dos mortos” e “Túmulo de criança afogada enche de água até hoje” (Figura 15). Apresentado pelo veterano locutor Nilson de Oliveira, o projeto é produzido por seu filho, Marcelo Rangel, e tem o objetivo de resgatar histórias que ouvintes enviavam para um programa que seu pai fazia: “É algo bem diferente. Há muitos anos, o meu pai fazia um programa de rádio e recebia algumas

histórias sobrenaturais dos ouvintes. Vai ser muito bom de ouvir à noite” (HISTÓRIAS..., 2021). Não há menção ao programa do Almirante no material de divulgação.

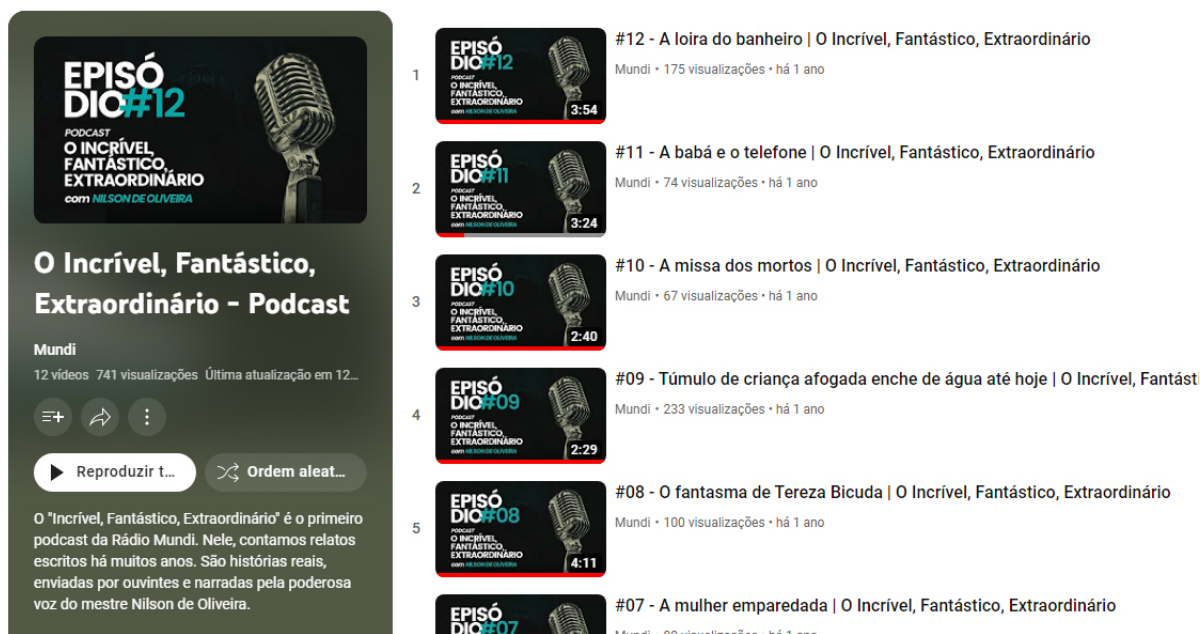


Figura 18: página do *podcast* disponível no Youtube.

Fonte: O Incrível..., 2021. Disponível em [https://www.youtube.com/playlist?list=](https://www.youtube.com/playlist?list=PLBTHgOZOJY29tRay24Rue-4ePFLgZK2os)

PLBTHgOZOJY29tRay24Rue-4ePFLgZK2os. Acesso em 17 jun. 2023.

Percurso intermediário do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*

Após a descrição desses desdobramentos – alguns mais e outros menos diretos do programa radiofônico *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* – em diferentes mídias no Brasil desde os anos 1950 até os anos 2020, passamos a uma tentativa de sistematizar sinteticamente o percurso intermediário descrito. Para isso, partimos da divisão feita por Rajewsky de três subcategorias da intermedialidade (2012, p. 58-59) que nos parecem úteis para a compreensão do fenômeno que estamos descrevendo:

1. Transposição midiática (Medienwechsel), também chamada de transformação midiática (como, por exemplo, as adaptações radiofônicas e/ou fílmicas de textos literários) refere-se à maneira como um produto de mídia é transformado de um meio para outro. O meio original – ou uma parte dele – é a fonte do novo produto midiático;

2. Combinação de mídias (Medienkombination) supõe a presença de mídias diferentes (mídia escrita, filme, teatro, ópera, instalações computadorizadas, por exemplo) dentro de outra mídia, como no caso do cinema. A intermedialidade dessa categoria é estabelecida pela combinação de pelo menos duas mídias diferentes, que forma um determinado produto midiático;
3. Referência intermediática (intermediale Bezüge), que é a referência dentro de uma mídia de outras mídias, como no caso de uma HQ, que pode ter referência a textos cinematográficos e literários específicos, ou um filme que faz referência a determinada pintura, ou uma pintura que faz alusão a uma fotografia. As referências intermediáticas devem ser compreendidas como estratégias que contribuem para a construção de significado geral do produto de mídia. Essas referências utilizam os recursos específicos da própria mídia para fazer alusão a uma obra específica e individualmente produzida.

Se observarmos os produtos mencionados até agora, chegamos ao Quadro 1:

Produto e Mídia	Subcategoria de Intermedialidade
Livro 1951 Transposição midiática	
TV Tupi (teatralização)	Transposição midiática e Combinação de mídias
Coluna no jornal <i>O Dia</i>	Transposição midiática
Filme	Transposição midiática e Combinação de mídias
Histórias em quadrinhos	Transposição midiática
Quadro no programa <i>Fantástico</i>	Transposição midiática e Combinação de mídias
Livro 1989	Transposição midiática
Programa na Rede Manchete	Referência intermediática e Combinação de mídias
Documentário	Referência intermediática e Combinação de mídias
<i>Podcast</i>	Referência intermediática
Anúncios publicitários	Referência intermediática
Samba-enredo Portela	Referência intermediática e Combinação de mídias

Quadro 1: classificação dos produtos em subcategorias de intermedialidade

Fonte: elaborado pelos autores.

No Quadro 1 podemos observar que há uma predominância da subcategoria “transposição midiática” (oito ocorrências). Acreditamos que isso se dá pelo fato de a maioria

dos novos produtos serem transposições das próprias histórias contadas no rádio para outras mídias, o que indica o impacto de alguns casos em particular, tais como “A ajuda”, que pode ser visto nos livros, no cinema e na televisão. Em trabalhos posteriores, acreditamos que um dos caminhos possíveis para uma compreensão mais profunda do fenômeno é identificar os contos mais adaptados e sua qualidade como produtos de ficção dentro do gênero fantástico, constituindo-se quase como contos clássicos brasileiros.

Em segundo lugar, temos a subcategoria “referência intermediária”, na qual se destaca a expressão “*Incrível! Fantástico! Extraordinário!*”, que passa a fazer parte do imaginário popular, mas ainda é possível acrescentar a questão dos programas que não fazem referência direta, mas que têm uma evidente inspiração no programa de Almirante. Quanto às combinações de mídias, podemos apontar os produtos compostos por imagem e som (cinema e TV), e também produtos distribuídos na internet, estes últimos já resultados de processos de convergência em que traços de todas as mídias podem ser encontrados.

Buscando uma ilustração que permita uma visão mais dinâmica dos desdobramentos intermediários do programa, desenvolvemos o Quadro 2.

Há que destacar nossa concordância com aqueles que questionam o alcance das classificações propostas por Rajewsky e aqui adotadas para a classificação dos produtos derivados do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Thaís Diniz (2018), por exemplo, aponta para o fato de que a subdivisão por Rajewsky não é capaz de esgotar e nem de contemplar totalmente as possibilidades existentes no debate sobre a intermedialidade. Para a autora:

A subdivisão proposta por Rajewsky não é, de modo algum, exaustiva, e não faz justiça nem à vasta quantidade de fenômenos nem à grande variedade de objetivos que caracterizam o debate sobre a intermedialidade como um todo.(...) *Como filmes*, as adaptações cinematográficas podem ser incluídas na categoria de combinação de mídias; *como adaptações* de obras literárias, podem integrar a categoria de *transposições midiáticas* e, se fizerem referências específicas e concretas a um texto literário anterior, essas estratégias podem ser classificadas como *referências intermediárias*, pois, é claro – e isto é de fato o que quase sempre acontece –, o produto resultante de uma transposição midiática pode exibir referências a outras obras, além de caracterizar-se como o próprio processo de transformação midiática. Assim, no caso da adaptação fílmica, o espectador “recebe” o texto literário ou qualquer outro tipo de texto, ao mesmo tempo em que assiste ao filme. Em vez de simplesmente basear-se numa obra pré-existente, uma adaptação cinematográfica pode constituir-se *em relação* a ela, caindo assim também na categoria de referências intermediárias. (DINIZ, 2018, p. 50, grifos no original)

Concordamos com as observações de Diniz, já que os próprios produtos que levantamos podem ser classificados de outras maneiras e levantam questões que não estão totalmente contempladas pela classificação de Rajewsky, mas ainda assim acreditamos que o exercício classificatório desses materiais tem uma função organizadora que pode apontar para os desdobramentos que temos em vista, relacionados aos subgêneros literários, representatividade e outras questões que observamos.

Em 1947, o programa *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* surgiu no rádio (1), sendo uma criação de Almirante, que participava desde a análise das cartas, escolha dos casos, ajuda na sonoplastia e narração;

Em 1951, foi lançado um livro (2) pela Edições O Cruzeiro, com alguns causos selecionados;

Após o fim do programa no rádio, algumas histórias passaram a ser teatralizadas na recém-criada TV Tupi (3);

Virou coluna no jornal *O Dia* (4), em 1963;

A expressão “incrível, fantástico, extraordinário” passou a fazer parte do imaginário popular e foi utilizada em numerosos anúncios publicitários, como em venda de automóveis, por exemplo (5);

Em 1969, quatro episódios foram transformados em um filme de mesmo nome (6);

No mesmo ano, é lançada duas revistas em quadrinhos (7) com histórias do programa.

Ainda como exemplo do imaginário popular, a Escola de Samba Portela usa a expressão como título do samba-enredo de 1979 (8);

Em 1981, o programa *Fantástico* da Rede Globo passa a transmitir um quadro teledramatizado (9), com o título *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, utilizando causos do antigo programa de rádio;

Um novo livro (10) é lançado em 1989, como novos causos reunidos;

Em 1994, a Rede Manchete lança também um programa chamado *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* (11) que, embora use o título, não utiliza os causos originais em suas teledramatizações;

Em 2018, é produzido um documentário com diversos pesquisadores ex-ouvintes do programa e, inclusive, familiares do Almirante, para contar a sua história (12);

Em mais um exemplo de como a expressão tomou conta do imaginário popular, em 2021, o radialista Nilson de Oliveira lança um podcast com um título muito parecido com o do programa, embora os causos contados sejam recolhidos pelo próprio podcaster segundo informa sua divulgação (13).

Quadro 2: mapa intermediático.

Fonte: elaborado pelos autores.

Por exemplo, em levantamento inicial de 103 casos adaptados em 26 programas transmitidos nos cinco primeiros anos do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, observamos que, dentro de uma classificação tradicional das histórias fantásticas propostas por Todorov (1992), o subgênero fantástico-maravilhoso, que remete a histórias em que acontecimentos inexplicáveis pela ciência recebem uma explicação sobrenatural, teve o maior número de ocorrências, totalizando 45 aparições, o que confirma a ligação do programa com as histórias de horror transmitidas em mídias como os quadrinhos, a partir dos anos 1950, e o cinema, a partir dos anos 1960, quando a produção horrífica na mídia de massa se expandiu no Brasil em histórias que tendem ao fantástico-maravilhoso, como se observa em revistas em quadrinhos como a *Calafrio* (D-Arte) e *Kripta* (RGE), e também na obra de José Mojica Marins.

O segundo grupo com maior número de histórias foi o fantástico-estranho, que é quando um evento que parece sobrenatural recebe uma explicação racional. Todorov também chama essa subcategoria de “sobrenatural explicado”, que teve 18 ocorrências no levantamento realizado. O terceiro grupo mais numeroso, com um número também significativo (15 casos), foi o fantástico “puro”, em que a dúvida sobre a natureza dos eventos fica sem resposta (TODOROV, 1992, p. 49). Com apenas cinco casos, temos o subgênero estranho, que segundo Todorov (1992) é a mais difícil de ser definido, já que existe a presença de um acontecimento extraordinário, mas este é explicável pelas leis da razão, mesmo que se mantenha com características chocantes, inquietantes, que provocam medo. Já a categoria do maravilhoso, que pode incluir desde os contos de fadas à ficção científica (no sentido de que certos elementos da história ainda são desconhecidos do mundo real, como um instrumento mágico ou uma tecnologia alienígena), não foi encontrada em nenhum dos casos analisados.

Procuramos também identificar, entre os casos enviados para o programa, algumas variáveis, como os estados com maiores ocorrências dos casos, a localização demográfica, o gênero e a idade das principais “vítimas” dos casos sobrenaturais relatados no programa.

No Gráfico 1, podemos ver que dentre os programas analisados, contamos com representantes de 15 estados brasileiros e um do exterior (Portugal). O estado do Rio de Janeiro, na ocasião capital do Brasil, concentrou a maioria dos casos (42%). Um dos

possíveis motivos é o fato do programa *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* ser difundido pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Em seguida, temos São Paulo (16%); Minas Gerais (12%); e Espírito Santo (7%). Verificamos assim que houve uma concentração massiva na região Sudeste. Uma possível explicação para isso é o fato de a capital do Brasil estar nessa região, naquele período, e, conseqüentemente, concentrar as principais emissoras de rádio da época. Era, também, a região economicamente mais desenvolvida e com maior proporção de pessoas alfabetizadas.

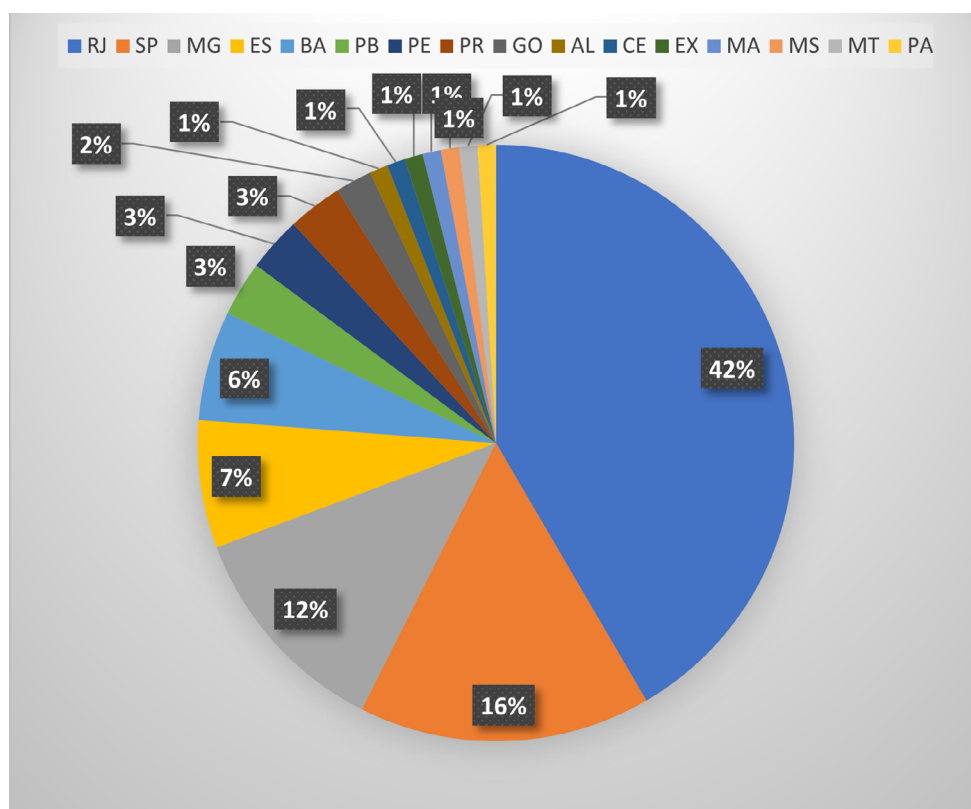


Gráfico 1: estados com mais ocorrências na amostra de 106 de casos narrados no programa

Fonte: elaborado pelos autores.

Outra variável foi a localização dos casos por um viés demográfico. O Gráfico 1 mostra que 67% dos casos narrados ocorreram nas áreas rurais, sendo fazendas, povoados, pequenas cidades e arredores. Já 35% são acontecimentos dentro de áreas urbanas – no caso, cidades-capitais, como Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo etc. Dois por cento

dos casos não foram identificados por se tratar de casos em que o autor da carta pediu para não ser identificado. Esse traço também se assemelha ao tipo de cenário em que se passava a maioria das histórias de horror publicadas em quadrinhos e exibidas no cinema brasileiro do período, como se verifica, por exemplo, nos filmes de horror de José Mojica Marins dos anos 1960, que ampliaram a presença do horror na cultura midiática brasileira (UCHÔA; CÁNEPA, 2023) – principalmente os sucessos que deram origem ao personagem Zé do Caixão: *À meia-noite levarei sua alma*, de 1964, e *Esta noite encarnarei no teu cadáver*, de 1967.

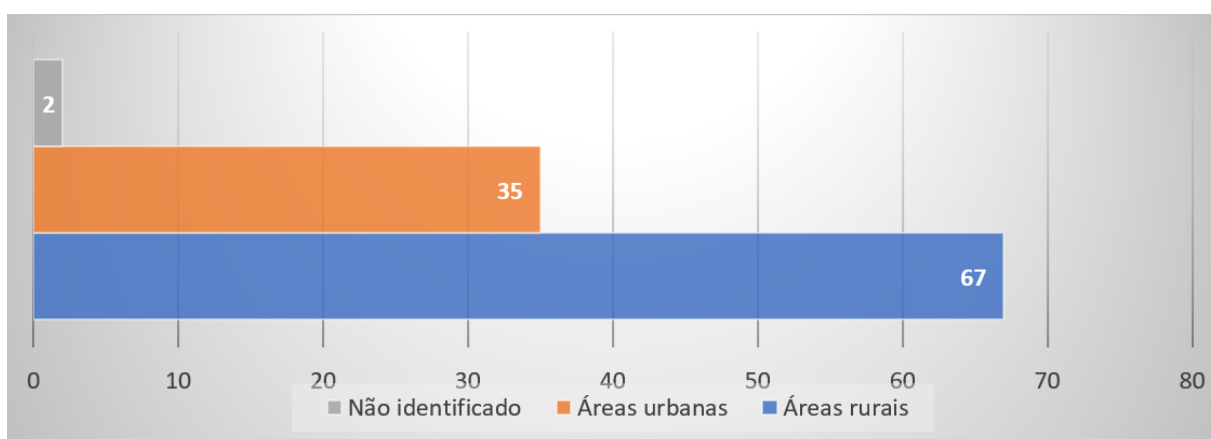


Gráfico 2: localização das histórias (na cidade ou no campo)
na amostra de 106 causos narrados no programa

Fonte: elaborado pelos autores.

A população brasileira da época, segundo o Atlas Histórico do Brasil (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2016), era predominantemente rural. Mesmo na região mais desenvolvida, a Sudeste, apenas a cidade do Rio de Janeiro (capital do Brasil) tinha uma população urbana maior que a rural (2.212 milhões na cidade × 1.400 milhões no campo). Todos os outros três estados têm os números invertidos: Minas Gerais: rural (5.587 mi) × urbana (1.694 mi); São Paulo: rural (4.012 mi) × urbana (3.168 mi); e Espírito Santo: rural (376 mil) × urbana (158 mil).

Assim, verificamos que a maioria das histórias acontecem em ambiente rural, em uma sociedade que lentamente passava do rural para o urbano, mas que mesmo os que moravam

nas cidades, ainda tinham contato com o mundo rural, por meio de pais e avós. E era nesse ambiente que crenças religiosas e normas sociais conservadoras desempenhavam papéis sociais fundamentais, permitindo uma maior aceitação do sobrenatural por parte dos envolvidos. Cemitérios, aparições, luzes misteriosas são símbolos que ilustram alguns dos nossos medos herdados de tempos passados ou mesmo de ancestrais imigrados. Mas, aqui, eles são representados de acordo com a imaginação da época e do lugar em que a história se passou. Assim, podemos verificar que, nas histórias narradas, entram elementos do nosso folclore (como sacis, caiporas, animais encantados, igrejinhas assombradas etc.) que já não têm ligação apenas com o imaginário europeu. E, como era de se esperar, principalmente pela época, em alguns casos, temos ainda uma forte presença de preconceitos sociais, como o fato de algumas aparições serem representadas por negros (Ex. “O negrinho de Itaguaí”), racismo expressado com todas as letras, como em “A moça que viu o demônio”, ou mesmo no caso de uma mulher negra com deficiência física que foi “confundida” com um saci.

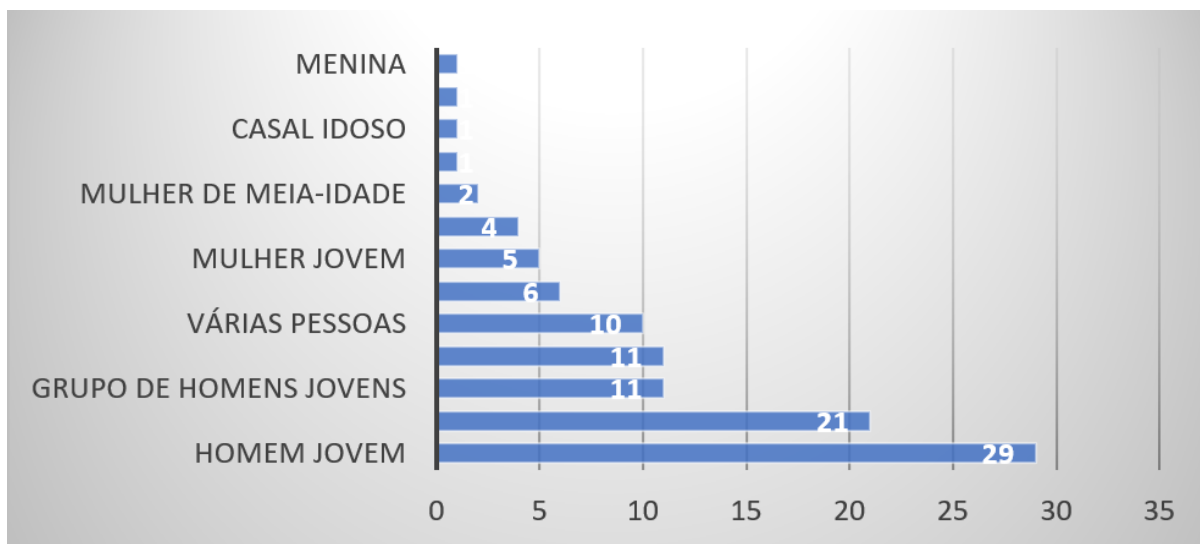


Gráfico 3: principais vítimas do sobrenatural na amostra de 106 casos narrados no programa

Fonte: elaborado pelos autores.

O que chamamos de “principais vítimas” são as personagens que sofreram a ação sobrenatural nas narrativas do *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Aqui é possível observar

uma predominância de indivíduos do sexo masculino como as vítimas mais frequentes. Os quatro grupos com maiores ocorrências são compostos por homens: primeiro *homens jovens* (29), em seguida temos *homens de meia-idade* (21), *grupo de homens jovens* (11) e *homem idoso* (11). Podemos imaginar que isso tenha se dado pelo fato de possivelmente serem os homens a maioria dos ouvintes do programa, dada a sua temática e horário de irradiação (21h30). Também podemos pensar que estes eram detentores de um maior grau de escolaridade na época, o que permitiu que escrevessem as cartas e participassem mais ativamente dos programas. Mas essas são apenas hipóteses que necessitam de aprofundamento da pesquisa para confirmação.

Considerações finais

À guisa de considerações finais, e reiterando que este é apenas o primeiro resultado publicado desta pesquisa, percebemos que ainda se mostra uma tarefa difícil determinar a extensão do legado do Almirante no repertório midiático fantástico brasileiro, inclusive pelo fato de que esse repertório ainda vem sendo mapeado por pesquisadores de literatura, quadrinhos, cinema e ficção seriada no Brasil¹⁵. Nesse contexto, observamos que Almirante é pouco lembrado, com menções esparsas ou mesmo inexistentes ao seu programa, mesmo que este tenha ficado no ar por mais de uma década, e durante um período em que o rádio dominava a cultura midiática brasileira.

Mas uma hipótese para explicar o esquecimento da contribuição do Almirante à tradição fantástica no Brasil pode ser, justamente, a própria atualização dela por outros narradores, em outras mídias nas quais o programa foi transformado e rerepresentado, como ocorreu com o quadro do programa televisivo *Fantástico* nos anos 1980 (até hoje bastante lembrado, como se verifica nos canais do YouTube que os reproduzem, com milhares de comentários). Do mesmo modo, quem ouve os *podcasts* de horror que circulam no Brasil – como aquele cujo título foi decalcado diretamente no programa do Almirante – pode desconhecer a sua origem. Assim, acreditamos que uma interessante aventura crítica

15 Entre os trabalhos de mapeamento da ficção horrífica na cultura midiática brasileira, destacamos o livro pioneiro de Causo (2003) e três teses de doutorado desenvolvidas em programas de pós-graduação brasileiros nos anos 2000: Cánepa (2008); Nestarez (2022); Silva (2012).

pode ser a busca dos rastros do programa de 1947 na ficção audiovisual posterior voltada ao horror no Brasil – e desejamos que este trabalho seja um passo nesse caminho.

Referências

ALMIRANTE. *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Casos verídicos de terror e assombração. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1951.

ALMIRANTE. *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Rio de Janeiro: Fase, 1969.

ALMIRANTE. *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Outros casos verídicos de terror e assombração. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AZEVEDO, L. C. de. *No tempo do rádio: radiofusão e cotidiano no Brasil. 1923-1960.* Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

CABRAL, S. Prefácio. In: ALMIRANTE. *Incrível! Fantástico! Extraordinário!* Outros casos verídicos de terror e assombração. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p. 7-10.

CABRAL, S. *No tempo de Almirante – uma história do Rádio e da MPB.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CÁNEPA, L. L. *Medo de quê? Uma história do horror nos filmes brasileiros.* 2008. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CAUSO, R. de S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875 a 1950).* Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHERRY, B. *Horror.* London: Routledge, 2009.

CLÜVER, C. Inter textus / inter artes / inter media. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 10-41, 2006. DOI 10.17851/2317-2096.14.2.10-41. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18067>. Acesso em: 16 nov. 2021.

CORRÊA, G. Brasil recupera 144 obras cinematográficas que estavam na Itália. *Agência Brasil EBC*, 19 jun. 2013. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2023-06/brasil-resgata-144-obras-cinematograficas-que-estavam-na-italia>. Acesso em: 19 jun. 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 21 set. 1969.

DINIZ, T. F. Intermedialidade: perspectivas no cinema. *Rumores*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 41-60, 2018. Disponível em: revistas.usp.br/Rumores/article/view/143597. Acesso em: 21 out. 2021.

ELLESTRÖM, L. *Midialidade*: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Organizadores: Ana Cláudia Munari Domingos, Ana Paula Klauck, Glória Maria Guiné de Melo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

ENTRE a Memória e a história da música. *Incrível, fantástico, extraordinário*. [S. l.]: Entre a Memória e a história da música, 2014. Disponível em: memoriadamusica.com.br/site/index.php/banco-dedados/18-radiofonia/58-incrivelfantastico-extraordinario. Acesso em: 31 mar. 2020.

FANTÁSTICO. *Memória Globo*. Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/quadros/noticia/o-incrivel-o-fantastico-o-extraordinario.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

FUNARTE. *Dossiê D.4: Incrível, Fantástico, Extraordinário* – Fabio Sabag, 1969. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://atom.funarte.gov.br/index.php/fotografia-do-espetaculo-incrivel-fantastico-extraordinario>. Acesso em: 28 maio 2023.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Atlas Histórico do Brasil. *Governo Juscelino Kubitschek (1956-1961)*. População rural x população urbana. Rio de Janeiro: FGV, 2016. Disponível em: atlas.fgv.br/marcos/governo-juscelino-kubitschek-1956-1961/mapas/populacao-rural-x-urbana-em-1940. Acesso em: 25 nov. 2022.

GAMBARO, D. Mídias sonoras, narrativas e imaginário. *Insólita: Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 5-9, 2022. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/insolita/article/view/4484/2839>. Acesso em: 16 mar. 2022.

GONÇALO Jr. *E Benício Criou a Mulher... A biografia do mestre das Pin-ups e dos cartazes de cinema*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2012.

GOSCIOLA, Vicente. A máquina de narrativa transmídia: transmidiação e literatura fantástica. *Comunicación: Revista Internacional de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Estudios Culturales*, v. 10, p. 131-139, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3953615>. Acesso em: 16 mar. 2022.

HISTÓRIAS de terror viram podcast na voz de Nilson de Oliveira. *Blog Doc.com*. Ponta Grossa, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://blogdodoc.com/2021/01/19/historias-de-terror-viram-podcast-na-voz-de-nilson-de-oliveira#:~:text=O%20lan%C3%A7amento%20oficial%20foi%20feito,nas%20antigas%20m%C3%A1quinas%20de%20datilografia>. Acesso em: 11 jan. 2022.

Incrível, Fantástico, Extraordinário! 21 de Outubro de 1947 Rádio Tupi Rj. [S. l.: s.n.], 26 set. 2017. 1 vídeo (29 minutos). Publicado pelo canal Mateus Rangel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3-CxKM9fL4>. Acesso em 8 mar. 2023.

Incrível, Fantástico, Extraordinário (Abertura) 1994. [S.l.: s.n.], 22 fev. 2018. 1 vídeo (47 segundos). Publicado pelo canal Arquivo Manchete. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IdS64pR6ZSA>. Acesso em 17 jun. 2023.

Incrível, Fantástico, Extraordinário (Fantástico, 1981). [S.l.: s.n.], 7 abr. 2022. 1 vídeo (4 minutos) Publicado pelo Canal Recordar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nib6YgC3elo>. Acesso em 8 mar. 2023.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 13 dez. 1956.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 8 mar. 1970.

JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 15 maio 1978

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

KOSTOPOULOU, L. *Intermediality in European avant-garde cinema*. Londres; Nova York: Routledge, 2023.

LIMA, G. S. de. *Almirante, "a mais alta patente do rádio", e a construção da história da música popular brasileira (1938-1958)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NAGIB, L.; ARAÚJO, L. C. de; DE LUCA, T. *Towards an intermedial history of Brazilian cinema*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2022.

NAGIB, L.; JERSLEV, A. (ed.). *Impure cinema: intermedial and intercultural approaches to film*. Londres; Nova York: I.B. Taurus, 2014.

NESTAREZ, O. *Uma história da literatura de horror no Brasil: fundamentos e autorias*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, I. R. de. *Gênero causo: narratividade e tipologia*. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 23 nov. 1994.

O INCRÍVEL, fantástico, extraordinário. [Locução de:] Nilson de Oliveira. [S.l.]: Radio Mundi, 2021. *Podcast*. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLBTHgOZ0JY29tRay24Rue-4ePFLgZK2os>. Acesso em 17 jun. 2023.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 27 set. 1963.

O JORNAL. Rio de Janeiro, ed. 25592, 18 out. 1968.

O LIBERAL. Belém do Pará, 11 set. 1985.

PEREIRA, R. Sexo, sangue & balas: a conexão Brasil-Europa-EUA no cinema popular de C. Adolpho Chadler. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 12, p. 199-219, jul. 2021. Disponível em: centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/CPF_12.pdf. Acesso em: 16 dez. 2021.

PETHÖ, Á. *Cinema and intermediality: the passion for the in-between*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2011.

RAJEWSKY, I. Intermediality, intertextuality, and remediation: a literary perspective on intermediality. *Intermedialités: Histoire et théorie des arts, des lettres et des techniques*, Montréal, n. 6, p. 43-64, 2005.

RAJEWSKY, I. Intermedialidade, intertextualidade e 'remediação': uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, T. F. N. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

REVISTA A CIGARRA. São Paulo, n. 213, dez. 1951.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, n. 442, 1 mar. 1958.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, n. 33, 25 abr. 1950.

REVISTA INTERVALO. São Paulo, n. 77, 28 jun. 1964. p. 36A.

REVISTA MANCHETE. Rio de Janeiro, 19 jul. 1969.

SILVA, L. H. F. da. *O gênero de horror nos quadrinhos brasileiros: linguagem, técnica e trabalho na consolidação de uma indústria – 1950/1967*. 2012. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SOUZA, S. S. G. de. A apresentação de histórias fantásticas com a utilização do radiojornalismo. In: FERRARETTO, L. A.; KLÖCKNER, L. (org.). *E o rádio?: novos horizontes midiáticos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 479-493.

TEASER do filme Incrível! Fantástico! Extraordinário!. *Joaovelho.com*, [S.l.], 3 Ago. 2018. Disponível em <https://joaovelho.com/project/incrivel-fantastico-extraordinario/>. Acesso em 18 jun. 2023.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TV Tupi lança o programa de Almirante "Incrível! Fantástico! Extraordinário!". *O Jornal*. Rio de Janeiro, n. 12.319, 4 nov. 1960.

UCHÔA, F. R.; CÁNEPA, L. L. Trilogia de Terror (1968): folk horror na transição do rural ao urbano no cinema brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 78, p. 135-161, jan.-abr. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/HbnNLQYMN74nHXdXrMbMfNj/>. Acesso em: 31 maio 2023.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro. 08 out. 1957.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro. 24 e 25 fev. 1979.

submetido em: 24 maio 2023 | aprovado em: 1 jun. 2023